

DRAMATURGIAS DO ÓDIO: UMA PESQUISA SOBRE AS CRIAÇÕES DRAMATÚRGICAS EM TEMPOS DE UM PAÍS FRATURADO

Diego Cardoso do Nascimento (Universidade Estadual Paulista – UNESP)¹

RESUMO

A pesquisa consiste na investigação em desenvolvimento acerca da representação de alguns discursos de ódio, intensificados no contexto de acirramento político e ideológico entre os anos de 2014 e 2018, em dramaturgias paulistas criadas durante este período. Para isso, são aplicados conceitos da teoria da Análise de Discurso.

PALAVRAS-CHAVE

Dramaturgia; discurso de ódio; análise de discurso; política.

ABSTRACT

The research consists of a developing investigation about the representation of some hate speeches, intensified in the context of political and ideological inciting between 2014 and 2018, in São Paulo dramaturgies created during this period. For this, concepts from the theory of Speech Analysis are applied.

KEYWORDS

Dramaturgy; hate speech; speech analysis; policy.

INTRODUÇÃO

Imagine a seguinte situação: Um domingo de sol em Janeiro de 2014. Numa das ruas do Leblon, no Rio de Janeiro, ocorre uma discussão. Um homem de cabelos brancos bate-boca com um outro homem vestido de Batman. O primeiro chama o segundo de alienado por discursar pela justiça vestindo um símbolo do imperialismo estadunidense. O homem vestido de Batman chama o primeiro de preconceituoso, intolerante, defende-se apelando para seu conhecimento sobre a personagem, dizendo que sai às ruas para lutar pelo Brasil. Tudo é registrado pela câmera de uma equipe de

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da UNESP, sob orientação do professor doutor Alexandre Mate. Dramaturgo, ator e professor de dramaturgia.

uma televisão francesa que naquele momento fazia uma reportagem sobre os chamados *rolezinhos*², as manifestações contrárias à realização da Copa do Mundo de futebol da FIFA no Brasil e o preconceito com moradores das favelas cariocas. O homem vestido de Batman, que ficara famoso durante as manifestações ocorridas em 2013, estava sendo entrevistado momentos antes, até ser interrompido pelo homem de cabelo branco. A discussão continua pela calçada, com um provocando o outro. Uma senhora que se aproxima se dirige ao homem vestido de Batman para dizer que o carnaval já acabou. Uma outra mulher, segurando uma câmera fotográfica, se junta ao homem de cabelo branco e também passa a chamar o Batman de manipulado. Eles atravessam a rua exclamando: “manipulado, manipulado!”. Do outro lado, o repórter francês consegue formular uma pergunta ao homem de cabelo branco que se refere ao sujeito vestido de Batman como um manipulado, integrante da direita que não percebe os avanços que o país conquistou. A mulher, gritando, concorda que ele seja manipulado, mas discorda que seja de direita. “É de direita... De direita, sim. Isso é fascista”, responde o homem de cabelo branco. “Fascismo sim (*sic*), de direita não. Porque eu sou de direita e não faria isso.”, retruca a mulher. Em seguida, ela bate na câmera da TV francesa, aponta para a direção contrária e grita “Já foi desmascarado esse movimento aí, tá? Existe um plano de ocupação comunista totalitarista no país! Será que ninguém vê isso?! ”³.

A partir das chamadas Jornadas de Junho de 2013, o Brasil vivenciou um período de intensos e sucessivos eventos políticos e sociais. As manifestações contra o aumento da passagem foram apenas o início de um período marcado pelo acirramento da polarização ideológica que abrange as manifestações contra a realização da Copa do Mundo no Brasil, a reeleição da presidenta Dilma Roussef em 2014 e o golpe contra a mesma em 2016, a Operação Lava-Jato, as ocupações do movimento secundarista, o governo de Michel Temer, a prisão do ex-presidente Lula e a eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Olhando em retrospecto, este intervalo de tempo, entre 2014 e 2018, sinaliza a escalada conservadora e a atuação antidemocrática de diversos agentes sociais no país que fortaleceram os discursos contra movimentos sociais, ideologias progressistas,

² Encontros de jovens moradores das periferias dos grandes centros, combinados previamente pela internet, em espaços públicos e de lazer, como *shoppings* e parques públicos. Os *rolezinhos* se tornaram fenômeno nacional entre o final de 2013 e início de 2014. Além de atos de lazer eram também atos políticos, no sentido de que a diversão vinha acompanhada da reivindicação da ocupação de espaços de consumo e convivência que não foram pensados para estes jovens. (PINHEIRO-MACHADO, 2018)

³ Esta situação ganhou repercussão na internet com a publicação do vídeo da cena no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=MifFOCuLlLo&t=4s> (acessado em 13/08/2021 às 14h21).

comunidades LGBTQIA+, movimentos feministas e políticas afirmativas para a população pobre, negra e indígena.

Os discursos de ódio se tornaram ferramenta frequente e indispensável da política que se sistematizou e consolidou nos últimos anos, cujo interesse é levar o país em direção a um projeto ideológico conservador, moralista e fundamentalista. Os discursos de ódio são expressões que promovam, defendam, incitem, espalhem ou justifiquem ódio contra pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, religião, sexualidade, gênero ou nacionalidade; sua estratégia política se baseia na produção de um inimigo interno, a insistência na sensação de insegurança pública, a desumanização e diminuição do outro, do diferente. Nos últimos anos, assistimos serem incluídos sob o rótulo de “ameaça” as subjetividades revolucionárias que representassem um risco ao projeto conservador que se construía no país.

Aquele discurso conspiratório sobre uma ocupação comunista no país gritado por uma mulher durante uma discussão no Leblon que parecia absurdo em 2014 desdobrou-se nos discursos de ódio contra a esquerda, um dos pilares da campanha de Jair Bolsonaro. Este é apenas um dos discursos que compõem os discursos de ódio, que são compostos por muitas outras vozes. Nesta pesquisa, entende-se que as vozes que engendram os discursos de ódio acirrados no período em epígrafe, embora se vinculem, podem ser divididas em três vertentes principais: do liberalismo econômico, do fundamentalismo religioso e do anticomunismo. (MIGUEL, 2018).

Contudo, e paralelamente, as vozes em oposição aos discursos de ódio não deixaram de existir. Em parte da produção dramaturgica é possível verificar obras conduzidas sob o discurso da representatividade, do engajamento e da resistência contra as vozes do ódio. O período de acirramento das divergências político-ideológicas e dos discursos de ódio representa também um momento de intensa produção dramaturgica na cidade de São Paulo, impulsionada pela formação de novos autores e autoras, o surgimento de políticas e prêmios de incentivo voltados à dramaturgia e uma abertura cada vez maior de espaços de reflexão sobre esta produção, que ficou marcada pelo trânsito com estruturas que rompem formas tradicionais e hegemônicas e o debate de questões identitárias e políticas.

A relação entre estes dois fatores, dramaturgias e discursos de ódio, é o objeto central desta pesquisa de mestrado em andamento. Historicamente, as dramaturgias sempre refletiram os processos sociais, trazendo para dentro das tramas ficcionais a representação das vozes da sociedade e instaurando um posicionamento em relação a

estes processos. Partindo disso, pretende-se investigar como as dramaturgias criadas na cidade de São Paulo entre os anos de 2014 e 2018 são atravessadas pelos discursos de ódio que caracterizaram seus contextos de criação. E, por outro ângulo, como tais discursos são representados/manifestados no interior das narrativas dramáticas. Para isso, a pesquisa se apoia em alguns conceitos da teoria da Análise de Discurso.

UMA ANÁLISE DISCURSIVA

A pesquisa consiste em investigar como as dramaturgias criadas no contexto de propagação intensa dos discursos de ódio manifestam estes discursos, seja citando, reproduzindo, aludindo ou construindo um discurso oposto. Pretende-se, a partir das evidências discursivas no interior das dramaturgias, reconstituir as vozes, eventos e agentes dos seus contextos de criação. Trata-se de uma metodologia que parte dos textos teatrais e dos indícios possíveis de se encontrar neles para reconstituir os processos sociais que provocaram suas criações. O objetivo dessa investigação é refletir sobre a relação das dramaturgias com o contexto histórico, mas também lançar um olhar específico sobre o período de efervescência da produção dramática.

Por se tratar de uma investigação acerca de discursividades da política do ódio manifestadas no interior de textos teatrais, a pesquisa transita com conceitos da teoria da Análise de Discurso (AD), a partir das proposições desenvolvidas por Eni Orlandi. Em seus trabalhos, Orlandi apresenta abordagens e definições acerca do discurso que orientam a pesquisa sobre as dramaturgias e suas discursividades.

A AD se pretende uma teoria crítica que trata da determinação histórica dos processos de significação (ORLANDI, 1987). Discurso é entendido como efeito de sentido entre locutores e no seu processo de construção são constitutivos as condições de produção, o sujeito do discurso e a ideologia. Com estes e outros conceitos, a AD se afasta da ideia de significado e se debruça sobre a materialidade do discurso para evidenciar seus os efeitos de sentido inseridos nele.

AS DRAMATURGIAS DO ÓDIO

Os critérios para a seleção das obras que compõem o corpo de análise da pesquisa dizem respeito ao recorte temporal e geográfico em epígrafe e, sobretudo, ao diálogo que as dramaturgias estabelecem com o histórico e político no qual foram criadas. Tratam-se de dramaturgias em cujo texto, subtexto e/ou contexto é possível identificar as vozes do ódio (do liberalismo econômico, do fundamentalismo religioso e

do anticomunismo), por intermédio das quais é possível remeter a agentes, discursos e episódios da ascensão conservadora da nova direita nos últimos anos.

Dentre as dramaturgias selecionadas, estão obras que manifestam o referido período de maneiras diversas, seja abordando, tematizando, citando, aludindo ou se opondo aos discursos de ódio. Há dramaturgias cuja narrativa reproduz situações de conflito político e discursos de ódio; dramaturgias que citam seu contexto de criação a partir da projeção de um futuro distópico e autoritário; dramaturgias que situam suas narrativas no mesmo período, mas sem abordá-lo na trama; dramaturgias que colocam em cena perspectivas das vítimas dos discursos de ódio. Este escopo é composto por obras de autores, autoras e coletivos como Pedro Granato, Luiz Antonio Farina, Cia. de Teatro Acidental, Biaggio Pecorelli, Evill Rebouças, Alex Araújo, ColetivA Ocupação, Ave Terrena e Alexandre Dal Farra.

O conjunto de dramaturgias organizado representa um panorama dos eventos e discursos que marcaram o período entre 2014 e 2018. Nas dramaturgias estão refletidos os discursos moralistas e o fundamentalismo religioso; a disseminação de narrativas falsas; os discursos racistas e preconceituosos de agentes públicos; a ocupação das escolas estaduais por estudantes secundaristas; a representação das elites econômicas; o discurso neoliberal.

A diversidade das obras selecionadas se manifesta não só nas opções temáticas e estruturais, mas também na maneira como os discursos de ódio se evidenciam em suas narrativas. Por essa razão, nem todas são objetos de uma análise discursiva estrita dentro da pesquisa. A maneira como as dramaturgias são abordadas difere na organização deste trabalho. Os conceitos da AD, no entanto, são condutores desta organização.

METODOLOGIA PARA UM DISCURSO

A primeira parte da pesquisa busca apresentar um panorama do período recortado, de modo a corresponder com a noção de *condições do discurso* que constitui a teoria da Análise de Discurso apresentada por Eni Orlandi. As condições de discurso compreendem as condições imediatas e materiais de criação do discurso, mas também seu contexto sócio-histórico e ideológico (ORLANDI, 2013). Trata-se da situação de produção do discurso e da relação do sujeito do discurso com esta situação.

Assim, este panorama, é orientado pelas dramaturgias cuja relação predominante com os discursos de ódio se dá no nível do contexto. Ou seja, nas narrativas em que

texto e subtexto não apresentam menções ou reproduções de discursos de ódio, mas cujo processo de criação tenha se apoiado em fatos daquele período que permitam remontá-lo. A partir dos eventos que sejam possíveis extrair destas dramaturgias, por meio de pesquisas sobre seus processos, entrevistas com autores, o cenário das vozes do ódio será recriado.

A segunda parte se apoia na noção de *Interdiscurso* da AD para abordar as dramaturgias que evidenciam os discursos de ódio assumindo uma posição em oposição a eles. Desse modo, as próprias dramaturgias são tomadas como discursos em sua unidade. Na Análise de Discurso, *Interdiscurso* é a memória discursiva, aquilo que já foi dito e hoje atribui sentido ao que é dito, remetendo a uma filiação de dizeres pré-existentes (ORLANDI, 2013).

A construção de um discurso que consiste numa peça de teatro pressupõe antes o discurso do sujeito que a cria, produzindo neste entremeio uma tessitura dramaturgica que reúne vários outros discursos simbolizados pelas falas, rubricas, estrutura, etc. Nesta análise direcionada neste sentido, se fazem presentes as noções de sujeito e ideologia, também propostas na AD. Sem um não se chega ao outro, pois para a AD todo discurso tem um sujeito e todo sujeito tem ideologia. Ao encarar as peças como um discurso no seu todo, estabelece-se uma relação de *dialogismo* (BAKHTIN, 2013) outras dramaturgias-discursos criadas em contexto de proliferação do ódio, como as peças de ocasião da ditadura civil-militar brasileira.

Na terceira parte, excertos de dramaturgias que reproduzem discursos das vozes do ódio serão analisados segundo a proposição da AD. Estes excertos serão relacionados com discursos reais e comparáveis, nos quais os efeitos de sentido se equivalem. Assim, construindo um caminho da dramaturgia para o contexto social que vivenciamos, complementando o cenário costurado desde o início.

Esta proposta de uma investigação sobre a relação entre dramaturgia e discursos de ódio amplia a reflexão sobre a produção dramaturgica recente e possibilita entender as influências dos processos políticos na constituição do discurso das peças teatrais. Ao mesmo tempo, volta-se a estas obras para identificar como a história está inscrita nelas sem que seja necessário que se passem décadas para uma análise desta natureza.

ÓDIO NA DRAMATURGIA

Ele não é um principiante. Há tempos circula entre os afetos deixando estragos por onde passa. Em certos momentos da história falando um pouco mais alto, em outros sussurrando. Covarde, nunca corajoso, frequentemente se esconde atrás de discursos camuflados. O ódio é como uma personagem, que transita por entre nós tentando roubar o foco e alterar a narrativa conforme sua vontade. Criando inimigos, reinventando narrativas, destruindo o outro na linguagem para depois eliminá-lo por completo, até travar o diálogo. Numa manifestação por uma pauta legítima, numa pessoa enrolada numa bandeira, numa posse presidencial, num crime de racismo, num vídeo numa rede social, na década de 1960, num porão, numa esquina no Leblon.

Como uma personagem, ele é trazido à tona para contar a si mesmo. Aqui o ódio é colocado sob os holofotes do discurso para um exercício de metateatro no qual suas vozes são resgatadas para evidenciar os rastros que ele deixou na nossa história recente. Ninguém melhor do que ele mesmo para refazer os caminhos que trilhou até o atual estado de coisas.

Toda esta narrativa não se conta somente pela voz do ódio. Olhos fortes e ouvidos atentos que escutaram e enxergaram a cólera sem pestanejar também são personagens dessa dramaturgia. Quando um golpe foi implantado, quando uma notícia falsa foi vitoriosa, quando uma militante foi morta. Para cada fratura aberta pelo ódio, há o discurso de um autor, de uma autora, que resistiu em forma de dramaturgia. Dentro dessa narrativa, os sujeitos que enfrentam o ódio contam a parte dessa história recente que diz respeito à potência de deslocar o real como forma de discurso.

REFERÊNCIAS CITADAS

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 16 ed. São Paulo, Hucitec, 2014.

MIGUEL, Luis Felipe. *A reemergência da direita brasileira*. In: GALLEGO, Esther Solano (org). *O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2 ed. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009.

PINHEIRO-MACHADO, R.; SCALCO, L. M. *Da esperança ao Ódio: Juventude, Política e Pobreza do Lulismo ao Bolsonarismo*. CADERNOS IHU IDÉIAS (UNISINOS), v. 16, p. 3-15, 2018.